

A atual crise sob a ótica da queda tendencial da taxa de lucro: as contribuições de Shaikh, Dumenil e Levy e Kliman*

FERNANDA VALADA** E NATASHA PERGHER***

Introdução

A lei da tendência da queda na taxa de lucro é um dos elementos chave da teoria marxista e expressa a máxima contradição do sistema capitalista: as mesmas causas que determinam a tendência à queda da taxa de lucro encadeiam, também, a tendência à acumulação acelerada do capital. Segundo a lei da tendência decrescente da taxa de lucros, o desenvolvimento das forças produtivas, materializada no progresso técnico, produz um movimento no qual o capital despendido em meios de produção (capital constante) se eleva mais rapidamente do que o capital despendido em força de trabalho (capital variável), elevando, assim, a composição orgânica do capital. A partir da equação da taxa de lucro derivada por Marx,¹ conclui-se que o progresso técnico, que gera um aumento na composição orgânica do capital mais acelerado do que o aumento da taxa de mais-valia, leva a uma queda tendencial da taxa de lucro.

Evidentemente, tal proposição deve ser compreendida como manifestação de uma tendência; ou seja, ao passo que há várias causas que corroboram esse decrés-

* Trabalho desenvolvido com auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

** Mestranda em Economia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGE-ED/UFRGS e bolsista Capes/CNPq.

*** Mestranda em Economia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGE-ED/UFRGS e bolsista Capes/CNPq.

1 $r = (s/v) / [1 + (c/v)]$, sendo r a taxa de lucro, s/v a taxa de mais-valia e c/v a composição orgânica do capital.

cimo na taxa de lucro, há forças que se opõem à sua queda. Esse constructo teórico apresenta tendência e contratendência, não sendo seu movimento determinístico.

Para os teóricos marxistas das primeiras décadas do século XX, a análise da tendência declinante da taxa de lucro para a compreensão das crises era subsidiária e não prioritária.² Somente a partir da década de 1970 é que essa lei passa a ter um papel preponderante dentro das perspectivas marxistas sobre crise, visto que ilustra com clareza como o processo de reprodução ampliada do capitalismo é capaz de, endogenamente, contribuir para a ocorrência de crises.

O objetivo do presente trabalho é fazer uma revisão bibliográfica sobre algumas análises marxistas da crise atual, expondo a importância da taxa de lucro para suas interpretações e conclusões. Para tanto, na primeira seção, serão analisadas as interpretações mais convencionais de Shaikh (2011) e Duménil e Lévy (2014), as quais corroboram a ideia de uma restauração na taxa de lucro a partir dos anos 1980. Na seção seguinte, apresenta-se a perspectiva de Kliman (2012), para quem a restauração na taxa de lucros não ocorreu, e a tendência declinante da taxa de lucro é a causa indireta da crise atual. A seção que conclui este artigo procura apresentar as divergências que cercam as análises marxistas centradas na taxa de lucro como causa da crise, bem como a necessidade de aprofundar essa perspectiva analítica tanto para melhor compreender a crise atual, como para aprimorar o conhecimento da teoria de Marx.

A interpretação convencional: a restauração da taxa de lucro a partir da década de 1980.

Há um consenso na literatura marxista sobre a queda da taxa de lucro ter configurado a causa prioritária da crise da década de 1970. No entanto, o seu comportamento a partir dos anos 1980 permanece sendo um tema polêmico que causa divergências entre diversos autores. A análise mais recorrente na literatura é a de que houve uma restauração da taxa de lucro a partir desse período. Sob essa condição, defende-se que a baixa lucratividade não representa um fator explicativo para a recente crise e que, portanto, a sua origem deve ser buscada em outros elementos. Nesse sentido, a presente seção tem por objetivo apresentar dois importantes trabalhos da literatura marxista coadunados com essa interpretação convencional: Shaikh (2011) e Duménil e Lévy (2014).

No que diz respeito à obra *The First Great Depression of the 21st Century*, de Anwar Shaikh (2011), a questão-chave é como o capitalismo – mesmo modi-

2 O foco da análise de autores como Rudolph Hilferding, Vladimir Lenin e Tugan-Baranowsky recaía na análise da desproporcionalidade entre os Departamentos I e II como fator preponderante das crises. Ou seja, era a anarquia do capitalismo que gerava crises e, portanto, o planejamento estatal seria a solução. Já para Rosa Luxemburgo, a causa prioritária das crises nos centros capitalistas decorria da insuficiência da demanda, o que justificava a corrida imperialista entre os Estados capitalistas. Essa abordagem ficou conhecida como teoria marxista do subconsumo.

ficando suas instituições, formas de regulação e estrutura política – apresenta sempre os mesmos padrões econômicos ao longo de sua evolução, os quais contribuem para a ocorrência de crises. A resposta é que a lógica do lucro condena a história do capitalismo a se repetir. A busca do lucro é o regulador central das decisões e do comportamento que movimentam a economia capitalista. Assim, “O invólucro do capitalismo se modifica constantemente para que seu núcleo permaneça o mesmo” (Shaikh, 2011, p.46, tradução nossa).³

A estimação da taxa de lucros feita por Shaikh (2011) apresenta um padrão de restauração que o autor denomina de grande *boom* da década de 1980. Para ele, a explicação para a interrupção da queda tendencial encontra-se: (i) na diminuição do crescimento dos salários reais em comparação às décadas do pós-guerra; e (ii) na política de redução da taxa de juros. Shaikh observa que ambos os processos se iniciaram, mais ou menos, ao mesmo tempo.

Esse grande *boom* foi inerentemente contraditório, pois:

[...] em países como os Estados Unidos e o Reino Unido, houve um aumento sem precedentes na exploração do trabalho, manifesto na diminuição dos salários reais em relação à produtividade. Como sempre, o benefício direto foi um grande impulso à taxa de lucro. O efeito colateral normal de uma desaceleração dos salários teria sido uma estagnação de gastos reais dos consumidores. Mas, com as taxas de juros em queda e o crédito facilitado, o consumo e outros gastos continuaram a subir, impulsionados por uma onda crescente de dívidas. Todos os limites pareciam suspensos, todas as leis do movimento, abolidas. E, então, desabou. A crise das hipotecas nos Estados Unidos foi apenas o estopim. *O problema subjacente é que a queda nas taxas de juros e o aumento da dívida que alimentou o boom tinham atingido os seus limites.* (Shaikh, 2011, p.45, grifo nosso, tradução nossa)⁴

Na teoria de Marx, o lucro do empresário refere-se à diferença entre o mais-valor gerado⁵ e o pagamento de juros e, assim sendo, os juros constituem apenas uma parcela do mais-valor. A relação entre a taxa de lucro e a de juros é estabelecida a partir da noção de que é “a diferença entre as duas taxas, a qual

3 No original: “[c]apitalism’s sheath mutates constantly in order for its core to remain the same”.

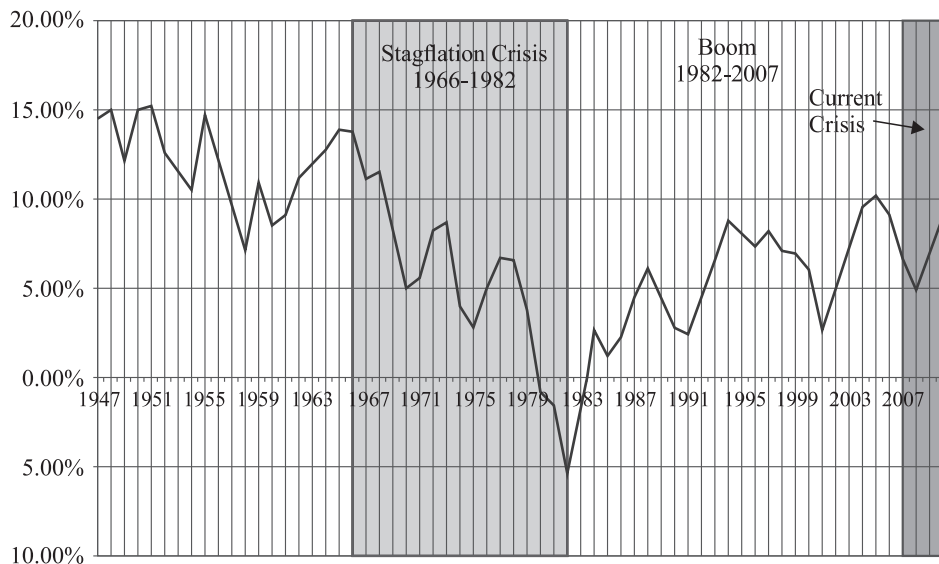
4 No original: “[...] in countries such as the US and the UK there was an unprecedented rise in the exploitation of labor, manifested in the slowdown of real wages relative to productivity. As always, the direct benefit was a great boost to the rate of profit. The normal side effect to a wage deceleration would have been a stagnation of real consumer spending. But with interest rates falling and credit being made ever easier, consumer and other spending continued to rise, buoyed on a rising tide of debt. All limits seemed suspended, all laws of motion abolished. And then it came crashing down. The mortgage crisis in the US was only the immediate trigger. The underlying problem was that the fall in interest rates and the rise in debt which fuelled the boom had reached their limits”.

5 O mais-valor (S) resulta do tempo gasto pelo trabalho vivo (L) descontado o valor trabalho correspondente às necessidades de consumo dos trabalhadores (V). Em termos formais, seria: $S = L - V$.

ele chama de taxa de lucro da empresa ($r - z$), que impulsiona o investimento ativo” (Shaikh, 2011, p.46).⁶ Dessa forma, é a taxa de lucro do empresário que consiste no motor central da acumulação, o fundamento de reprodução e ampliação do capital industrial. Foi, portanto, o freio na tendência de crescimento dos salários reais em relação à produtividade, associado à substancial queda da taxa de juros, que possibilitou a elevação da taxa de lucro do empresário a partir dos anos 1980.

O gráfico a seguir (Shaikh, 2011) demonstra a evolução da taxa de lucro do empresário nos Estados Unidos, para as corporações não financeiras, entre o pós-guerra e a crise atual. Observa-se uma grande variação na flutuação da taxa de lucro do empresário no curto prazo, influenciada por diferentes eventos históricos. No entanto, em se tratando de longo prazo, é evidente a tendência declinante da taxa de lucro do empresário até meados da década de 1980, e sua subsequente restauração.

Gráfico 1: Taxa de lucro do empresário para as corporações não financeiras nos Estados Unidos, entre 1947-2010



Fonte: Shaikh (2011, p.52).

⁶ No original: “The difference between the two rates which he calls the rate of profit-of-enterprise ($r - z$), that drives active investment”.

Importantes lições devem ser assimiladas da Grande Depressão dos anos 1930, como o fato de os gastos governamentais serem estímulos contracíclicos em uma economia em crise. Os gastos governamentais de incentivo à economia podem ter duas formas: primeiro, a da demanda direta do governo; e segundo, a da geração de empregos pelo governo. Entretanto, na conjuntura política atual, a segunda forma de estímulo governamental seria improvável, visto que:

[...] uma vez que a contratação direta de mão de obra subordina a motivação do lucro para fins sociais, ela é corretamente vista como uma ameaça à ordem capitalista [...] Além disso, ela interferiria no plano neoliberal de fazer uma maior utilização da mão de obra barata no mundo, cuja existência não só permite a produção mais barata no exterior, mas também ajuda a manter a restrição ao crescimento dos salários reais domésticos. (Shaikh, 2011, p.58, tradução nossa)⁷

Na mesma linha de Shaikh (2011), Duménil e Lévy (2014), em obra recente, argumentam que a presente crise configura a crise do neoliberalismo, e que sua ocorrência aconteceu em um período de restauração da taxa de lucro. Ou seja, novamente, a taxa de lucro não pode ser considerada como a causa da crise, o que não significa, porém, que ela não seja uma variável relevante para o entendimento da evolução histórica do capitalismo. O que os autores defendem é que a crise atual não ocorreu sobre uma tendência de baixa lucratividade do sistema.

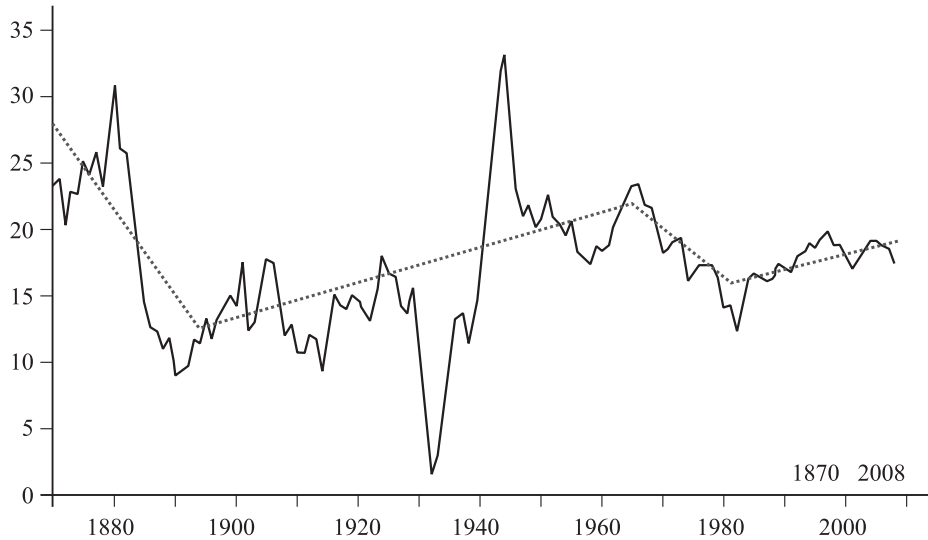
Para os autores, o comportamento da taxa de lucro é de essencial relevância para a análise histórica das crises estruturais no mundo capitalista moderno; contudo, há padrões distintos para as quatro grandes crises do sistema – a crise do neoliberalismo é a quarta e última crise até o momento.

As quatro crises estruturais descritas na obra apresentam comportamentos distintos na evolução da tendência da taxa de lucro nos países centrais, sendo elas: a crise da década de 1890, a Grande Depressão dos anos 1930, a crise da década de 1970 e a crise atual (2008). Os autores dividem esses quatro momentos em duas categorias: crises ocorridas pela queda da lucratividade e crises de hegemonia financeira. As crises das décadas de 1890 e 1970 seriam exemplos da primeira categoria, causadas pelo declínio da taxa de lucros. No entanto, a Grande Depressão e a atual crise não seriam causadas pelo fenômeno tendencial de declínio da taxa de lucro, visto que ocorreram em um momento histórico de restauração e elevação da taxa de lucro.

⁷ No original: “indeed, since the direct employment of labor subordinates the profit motive to social goals, it is correctly seen as a threat to the capitalist order- as ‘socialistic’. Moreover, it would interfere with the neoliberal plan to make further use of cheap global labor, whose existence not only allows for cheaper production abroad but also helps keep real wage growth in check at home”.

O gráfico que segue demonstra a evolução da taxa de lucro nos Estados Unidos, estimada por Duménil e Lévy (2014, p.284), no qual essas tendências são postas em evidência. A trajetória da taxa de lucro apresentada na obra demonstra um padrão de reversão em cada uma das grandes crises do capitalismo moderno, com tendência declinante no momento anterior ao desencadeamento das crises de 1890 e 1970, e com tendência ascendente nas décadas que precedem a crise de 1930 e a atual.

Gráfico 2: Trajetória da taxa de lucro



Fonte: Duménil e Lévy (2014, p.284).

A Grande Depressão da década de 1930 é a crise na qual se encontra um precedente para o momento atual, visto que ambas são “crises de hegemonia financeira”.⁸ O neoliberalismo seria expressão da estratégia das classes capitalistas que, ao se aliarem com as classes gerenciais, principalmente através do setor financeiro, fortaleceram sua hegemonia dentro das relações hierárquicas de classe

⁸ A comparação dos anos do entreguerras com as décadas que precedem a crise atual é reveladora. As principais semelhanças entre os dois períodos históricos são, sem dúvida, que ambos ocorreram em um momento de restauração da taxa de lucro e sob crescente processo de inovações financeiras. Ademais, ressaltam a característica heterogênea da tecnologia e da organização em relação a ambos os períodos. Em relação às décadas que precedem essas duas crises, Duménil e Lévy (2014, p.281) argumentam que “Oitenta anos depois, a mesma lógica obstinada oculta atrás da busca do lucro e do alto nível de renda levou o capitalismo a um caminho histórico insustentável, em que a regulamentação e o controle foram sacrificados no altar da liberdade, sem limites para ação, de uma minoria privilegiada. Dinâmicas semelhantes levaram a resultados comparáveis”.

e internacionalmente com a globalização. Como o novo estágio do capitalismo, o neoliberalismo foi uma estratégia insustentável que culminou na crise financeira recente. É essa ordem social que detém as contradições intrínsecas que acarretaram a crise atual.

Duménil e Lévy (2014, p.32-33) responsabilizam a crise atual pela estratégia neoliberal adotada, em que os principais componentes da contradição do neoliberalismo sob a hegemonia dos Estados Unidos seriam: (i) “a perversa dinâmica da busca por altos rendimentos”, que culminou na defesa inveterada da desregulamentação dos mercados e na fragilização da estrutura financeira global; (ii) “a capacidade reduzida de governar a macroeconomia” em cada país, em razão da baixa eficácia da política monetária causada pelo processo de financeirização e globalização; e (iii) o “avanço à custa de uma trajetória de acumulação decrescente e os perigosos desequilíbrios acumulativos” na economia estadunidense.

Não existe uma explicação técnica sintética da crise. Ela não foi o efeito de taxas deficientes de lucro. Também não foi consequência de falta de demanda, como expressão de insuficiência do poder de compra dos salários. Se for necessário encontrar uma explicação geral, ela está nos objetivos do neoliberalismo, nos instrumentos usados para buscá-los e nas contradições inerentes a esses objetivos e métodos. (Duménil; Lévy, 2014, p.42)

Dessa forma, a globalização e a financeirização são os instrumentos utilizados para a obtenção de altas rendas além do limite sustentável, pois, ao construírem uma estrutura financeira instável e determinarem taxas de acumulação insuficientes, acarretaram “excessos”. Para os autores, a macrotrajetória dos Estados Unidos, ao ser ditada pela nova ordem neoliberal, pode ser descrita em termos de “excesso” de financeirização – que fragilizou a estrutura financeira global – e “excesso” de globalização – que culminou na perda de controle da economia mundial. Esses excessos não poderiam continuar crescendo indefinidamente sem causar, em algum momento, um ponto de inflexão.

O déficit comercial dos Estados Unidos, em conjunto com a dependência crescente de financiamento externo e com o seu endividamento interno, ocasionou um “desequilíbrio global”. Com esse crescimento dos déficits comercial e a abertura da economia mundial, a estabilidade do dólar ficou comprometida. Assim, o neoliberalismo lançou as bases para a instabilidade mundial, e o seu resultado não poderia ser outro senão a crise: “a crise do mercado imobiliário e o correspondente colapso da pirâmide de instituições financeiras foram como uma onda sísmica que desestabilizou uma frágil estrutura financeira global. Foram o gatilho e não a causa da crise” (Duménil; Lévy, 2014, p.46).

A construção analítica dos autores incorpora, portanto, uma variável bastante fundamental: o poder político. Dessa forma, tecem uma forte crítica à hege-

monia dos grupos financeiros e aos arranjos de poder do sistema internacional que corroboraram para a dinâmica neoliberal. Essa crítica engloba um aspecto normativo,⁹ ou seja, defende que a busca ilimitada e insustentável do lucro e a ganância própria do neoliberalismo podem ser controladas dentro do motor que move o sistema: a luta de classes. Duménil e Lévy (2014) determinam um grande peso histórico à “classe gerencial”, argumentando que foi a sua aliança com a classe capitalista que propiciou as bases para a ideologia neoliberal e para a sua consequente aplicação – diferentemente do que ocorreu no pós-guerra, em que a “classe gerencial” era aliada das classes populares.

A contraposição: a tendência declinante da taxa de lucro como causa indireta da crise atual

Mais recentemente, alguns teóricos marxistas têm questionado as teses de restauração da taxa de lucro a partir de 1980. Dentre eles, destacam-se as contribuições de Alan Freeman e Andrew Kliman, que questionam as interpretações da literatura anteriormente exposta e a forma pela qual se dá a estimação da taxa de lucro nessas abordagens. Assim, a crise atual deve ser entendida dentro da lei da tendência declinante da taxa de lucros de Marx.

Para Kliman (2012), a crise atual não resulta de qualquer inflexão de tendências ocorridas na década de 1980, ou do baixo crescimento dos salários reais em relação à produtividade ou, tampouco, da ordem política neoliberal. A crise atual possui relação direta com a crise estrutural da década de 1970 e, sobretudo, é resultado indireto da tendência declinante da taxa de lucro. Como consequência da política econômica do período, a economia mundial nunca se recuperou da recessão da década de 1970, pois:

[...] uma vez que um valor muito menor de capital foi destruído durante a década de 1970 e o início dos anos 1980 em relação àquele destruído na década de 1930 e início dos anos 1940, a queda na taxa de lucro não foi revertida. E porque não foi revertida, a rentabilidade se manteve em um nível demasiado baixo para sustentar um novo *boom*. (Kliman, 2012, p.3, tradução nossa)¹⁰

Kliman (2012, p.14) argumenta que, em razão da não recuperação da taxa de lucro de forma sustentada após os anos 1980, as políticas econômicas colocadas

⁹ Ainda que na introdução do trabalho os autores neguem o aspecto normativo da obra, sublinhando os esforços analíticos sobre causas e consequências imediatas e de médio prazo da crise, o aspecto prescritivo é claro, apesar de ainda inacabado.

¹⁰ No original: “[...] since so much less capital value was destroyed during the 1970s and early 1980s than was destroyed in the 1930s and early 1940s, the decline in the rate of profit was not reversed. And because it was not reversed, profitability remained at too low a level to sustain a new boom”.

em marcha, ao amortecerem a destruição de capital necessária para restaurar a taxa de lucro, apenas adiaram a eminência de uma nova crise, e não solucionaram o problema. Dessa forma, defende a necessidade de entender a lei da tendência declinante da taxa de lucro de Marx como causa indireta das crises, uma vez que a queda da taxa de lucro, associada à instabilidade do sistema capitalista e do mercado financeiro, acarreta a crise. Como o declínio da taxa de lucro é apenas causa indireta da crise, isso significa que a crise não é sua consequência imediata; ou seja, a tendência declinante da taxa de lucro provoca o aumento da especulação, que, por sua vez, conduz a um débito que não poderá ser pago. Isso sim, segundo Kliman (2012), é a causa direta da crise.

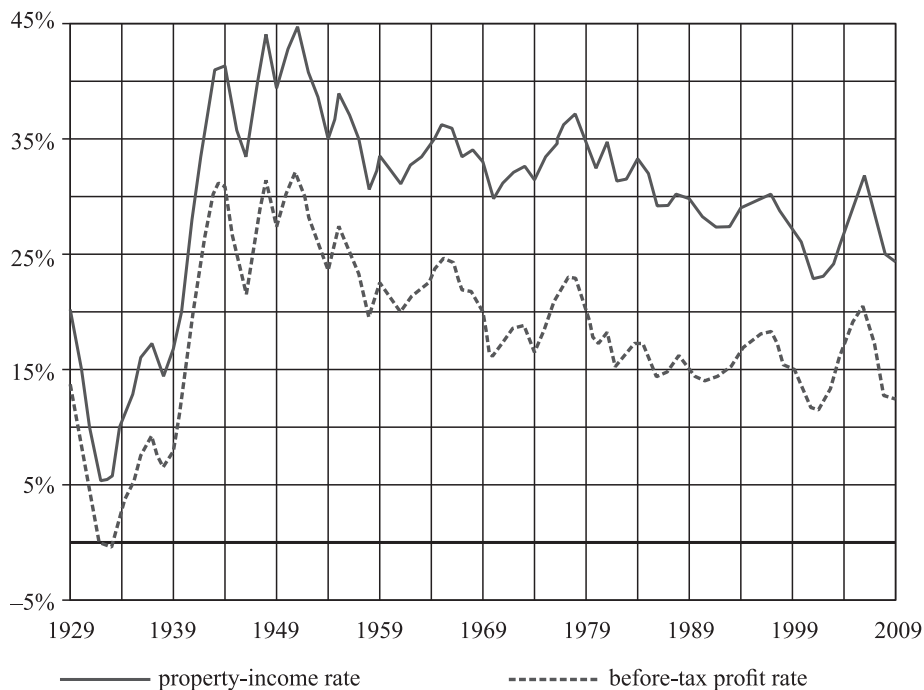
O ponto de inflexão para compreender a crise atual é a década de 1970, e não a de 1980, pois foi com a crise dos anos 1970 que teve início um longo período de relativa estagnação na economia dos países capitalistas avançados. Kliman (2012) refuta as interpretações para a crise atual que colocam grande peso em causas determinadas pelas políticas neoliberais, como a de Duménil e Lévy, pois as considera como um “determinismo político”. O autor demonstra que variáveis importantes nos Estados Unidos, como o baixo crescimento econômico, a precarização das relações de trabalho, o crescimento das desigualdades, a deterioração da infraestrutura, a instabilidade financeira e o crescimento dos encargos de dívidas têm raízes na crise da década de 1970, e não são meras consequências da política neoliberal.

A crítica do autor sobre as interpretações convencionais recai, ainda, sobre a mensuração equivocada da taxa de lucro, sendo esta caracterizada como uma medição “atemporal” da taxa de lucro. Kliman (2012), por sua vez, estima a taxa de lucro para os setores corporativos dos Estados Unidos, entendidos em termos geográficos e não pela nacionalidade das corporações.

No gráfico a seguir, ambas as taxas de lucro apresentadas – a taxa de lucro antes de impostos e a taxa de lucro de “renda de propriedade” – têm como denominador o capital fixo estimado pelos custos históricos. A taxa de lucro de “renda de propriedade” é, segundo Kliman (2012, p.75), “[...] uma medida muito mais ampla do lucro, muito mais próxima ao que Marx definia como ‘mais-valia’. Ela conta como lucro a totalidade da produção (valor acrescentado líquido) das empresas que os seus empregados não recebem”.¹¹ Através do Gráfico 3, é visualizada a tendência declinante da taxa de lucro a partir de meados da década de 1950, demonstrando que não ocorre a restauração da taxa de lucro.

11 No original: “[...] a much broader measure of profit that is much closer to what Marx meant by ‘surplus-value’. It counts as profit all of the output (net value added) of corporations that their employees do not receive”.

Gráfico 3: Taxa de Lucro, corporações nos Estados Unidos (Lucro como porcentagem do custo histórico dos ativos fixos)



Fonte: Kliman (2012, p.76).

As implicações políticas do resultado da análise de Kliman (2012) são completamente distintas. A lei da tendência declinante da taxa de lucro, como se sabe, determina as crises como sendo inevitáveis ao capitalismo, pois as suas causas são internas e não externas ao sistema, ou passíveis de correção. Não existe, segundo essa abordagem, uma crise permanente. Em um período de crise, ocorre a destruição de capital, ao passo que a taxa de lucro é restaurada e esse sim é um processo que não cessa. Apenas cria novas bases para uma nova crise, em maiores proporções. O autor, por fim, conclui:

A menos e até que uma resposta crível seja trabalhada, parece-me que as alternativas mais prováveis que enfrentamos são ou a destruição em larga escala do valor do capital, ou a persistente lentidão econômica, o peso dos encargos de dívidas, e as crises financeiras recorrentes e desacelerações. A destruição em larga escala do valor do capital pode levar à restauração da lucratividade e a um novo *boom*, mas na década de 1930 os mecanismos de autocorreção do capitalismo revelaram-se demasiadamente fracos para realizar isso automaticamente. A recuperação tam-

bém necessitou de uma intervenção maciça do Estado e da destruição da guerra mundial. Desta vez, não é inconcebível que se mergulhe no caos, no fascismo, ou na belicosidade antes que aquele ponto seja alcançado. (Kliman, 2012, p.206, tradução nossa)¹²

Conclusão

Para a ortodoxia econômica, as crises não são inerentes ao sistema capitalista e sua ocorrência é mero resultado de desvios exógenos na autorregulação do sistema. A essência que distingue as teorias marxistas de crise das teorias ortodoxas é sua ênfase na necessidade de crises como inerente ao desenvolvimento das forças produtivas dentro do modo de produção capitalista. Como disse Marx: “A barreira efetiva da produção capitalista é o próprio capital [...]” (citado em Netto, 2012, p.398). Entretanto, não há um consenso, dentro das perspectivas marxistas, sobre se as crises podem ser controladas, ou até mesmo evitadas; tampouco, se a tendência decrescente da taxa de lucros é a causa prioritária das crises no modo de produção capitalista.

Na análise dos autores apresentada, há concordância de que a crise atual não tem a sua causa essencial no sistema financeiro, ou seja, a crise financeira foi o catalisador e não a causa da grande contração da economia. Entretanto, os autores divergem em relação à causa real que culminou na crise. Para Duménil e Lévy (2014) e Shaikh (2011), o período neoliberal é visualizado como um impulsionador da economia, ao passo que, para Kliman (2012), ele representou um período de relativa estagnação. Duménil e Lévy (2014) e Shaikh (2011) constroem sua interpretação com base na hipótese de que a taxa de lucro se restaurou a partir da década de 1980. Kliman (2012), pelo contrário, contrapõe-se a essa visão, argumentando que a taxa de lucro nunca realmente se recuperou da crise da década de 1970.

Tais distinções analíticas são consequência da forma através da qual os autores apresentam a evolução da taxa de lucro nas décadas que precedem a crise, conforme apresentado nas seções anteriores. Evidentemente, as consequências teóricas dessas distintas hipóteses acerca da evolução da taxa de lucro geram implicações políticas também divergentes. Tais abordagens colocam novamente em xeque se o modo de produção capitalista poderia ser controlado, e se suas crises intrínsecas poderiam ser evitadas por meio de alguma forma deliberada de política econômica e/ou configuração de poder de classe.

12 No original: “*Unless and until a credible answer is worked out, it seems to me that the most likely alternatives we face are either full-scale destruction of capital value, or persistent economic sluggishness, mounting debt burdens, and recurrent financial crises and downturns. Full-scale destruction of capital value might lead to the restoration of profitability and a new boom, but in the 1930s, capitalism’s self-correcting mechanisms proved too weak to bring that about automatically. Recovery also required massive state intervention and the destructiveness of world war. This time around, it is not inconceivable that we would descend into chaos, fascism, or warlordism before that point is reached*”.

Por fim, não há consenso na literatura marxista sobre o fato de a taxa de lucro ter se restaurado a partir da crise da década de 1980, ou ter permanecido em patamares ainda muito baixos. No entanto, as contribuições recentes desses autores, com vistas a aprofundar o debate, evidenciam a atualidade da teoria marxista para a compreensão da dinâmica econômica contemporânea e – mais do que isso – são de grande relevância para o aprimoramento das teorias de crise, tanto dentro como fora da teoria de Marx.

Referências bibliográficas

- DUMÉNIL, G.; LÉVY, D. *A crise do neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- KLIMAN, A. *The Failure of Capitalist Production: Underlying Causes of the Great Recession*. Londres: Pluto Press, 2012.
- NETTO, J. P. (Org.). *O leitor de Marx*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- SHAIKH, A. Uma introdução à história das teorias de crise. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, 4(1), p.5-45, 1983.
- _____. The First Great Depression of the 21st Century. *Socialist Register*, Fall, p.44-63, 2011.

Resumo

Nas teorias marxistas, as crises são compreendidas como um fenômeno inerente ao desenvolvimento das forças produtivas e, enquanto tal, endógenas ao modo de produção capitalista. As crises são, assim, a forma pela qual se manifestam as contradições internas do capitalismo e a maneira pela qual estas se resolvem. Nos anos 1970, a lei da tendência declinante da taxa de lucro ganhou novo fôlego, o que culminou no surgimento de uma gama variada de interpretações dentro das análises marxistas. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é apresentar as interpretações sobre crise centradas na dinâmica da taxa de lucro de Shaikh (1983; 2011), Duménil e Lévy (2014), Kliman (2012), bem como suas controvérsias sobre a crise atual.

Palavras-chave: teorias marxistas da crise, tendência declinante da taxa de lucro, destruição de valor-capital.

Abstract

In Marxist theories, crises are understood as an inherent phenomenon of the development of productive forces and, as such, endogenous to the capitalist mode of production. Crisis are thus the way in which the internal capitalist contradictions manifest and the manner in which they are solved. In the 1970s, the law of the falling rate of profit reinvigorated, culminating in the emergence of a wide range of interpretations within the Marxist analysis. In this sense, the aim of this paper is to present the interpretations about crisis, centered in the profit rate dynamics, of Shaikh (1983; 2011), Duménil and Lévy (2014), Kliman (2012), as well as their controversies about the current crisis.

Keywords: Marxist crisis theories, falling rate of profit tendency, capital-value destruction.